

Editorial

DE NOVO A
CORRUPÇÃO

Quando muitos imaginavam que novos casos de corrupção talvez não irrompessem no noticiário com tanta força, eis que a Polícia Federal vem a público para divulgar o resultado de nova investigação, envolvendo desvios em fundos de pensão que montam à fantástica cifra de R\$ 8 bilhões.

Estão chegando ao conhecimento da sociedade, já farta de tantos escândalos, informações sobre investigações que tiveram por objetivo apurar crimes de gestão temerária e fraudulenta em prejuízo de quatro dos maiores fundos: Funcef, Petros, Previ e Postalis.

Os prejudicados são milhares de servidores contribuintes compulsórios desses fundos – empregados, aposentados e pensionistas da Caixa Econômica Federal, da Petrobras, do Banco do Brasil e dos Correios, que naturalmente serão chamados a tapar o elástico rombo.

Diversos mandados judiciais foram cumpridos durante essa segunda-feira em vários Estados, incluindo prisões temporárias e condução coercitiva de dirigentes e responsáveis pelas falcatruas, além de sequestro de bens e bloqueios de ativos e de recursos em contas bancárias.

A divulgação de mais esse escândalo na esfera do poder público ocorre no dia seguinte às manifestações populares ocorridas em várias capitais contrárias ao impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff.

Aos gritos de “fora, Temer”, carregando bandeiras da CUT, do PT e de movimentos sociais, milhares de pessoas foram às ruas. Em São Paulo, manifestantes misturados a pessoas mascaradas enfrentaram repressão da polícia, que agiu na ânsia de conter depredações do comércio.

Em meio a um cenário de grave crise, por tudo que vem acontecendo ultimamente no país, o cidadão sensato sabe que não vale a pena apostar no “quanto pior, melhor” para demonstrar inconformismo com a decisão do Senado. Do outro lado, espera-se que o uso da violência de Estado através do seu aparato militar não agrave a sensação de insegurança e incerteza que toma conta de todos.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Mediolli
PRESIDENTE Laura Mediolli
VICE-PRESIDENTE Marina Mediolli
DIRETOR EXECUTIVO Heron Guimarães

GERENTE COMERCIAL
Alessandra Soares

GERENTE DE TECNOLOGIA
Fábio A. Santos

GERENTE INDUSTRIAL
Guilherme Reis

GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO
Walmir Prado

GERENTE DE MARKETING
Monique Araki

GERENTE DE CIRCULAÇÃO
Isabel Santos

EDITORA EXECUTIVA
Lúcia Castro

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO
Michele Borges da Costa

ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO
Murilo Rocha

CHEFE DE REPORTAGEM
Renata Nunes

EDITORES

Opinião: Victor de Almeida

Economia: Karlon Aredes

Magazine: Silvana Mascagna

Brasil/Mundo/Interessa: Aline Reskalla

Política: Ricardo Corrêa

Esportes: Denner Taylor

Cidades: Marina Schettini

Primeira: Frederico Duboc

Fotografia: Rejane Araújo

O.PINIÃO

Duke

ESTUDO MOSTRA
QUE ESCREVER À MÃO
AJUDA A DESENVOLVER
O CÉREBRO!

LEGAL! DÁ
“CONTROL C”,
“CONTROL V”
NESSE TEXTO
E ENVIA PRA
MIM!!!



www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

O novo cenário nacional das
eleições municipais de 2016

Candidatos precisam apoiar luta pela manutenção dos direitos

Gosto de eleições. Desde criança. Com o passar dos anos, o gosto só foi aumentando pari passu o maior entendimento do processo político.

O período eleitoral é momento especial para aumentar a consciência política do povo, discutir a importância e o valor do voto na aquisição e manutenção da cidadania, do bem comum, bem como colocar em debate a cidade, o Estado e o país que queremos.

Quando da escolha de um prefeito ou uma prefeita, o que faz sentido é indagar o que queremos da futura administração da cidade, pois todo município é, no mínimo, dois, e o caminho da cidadania implica diminuir o fosso que separa um do outro, adotando a equidade: mais para quem precisa de mais.

As eleições municipais são mais intimistas, logo, mais apropriadas para diálogos. O financiamento empresarial para as candidaturas nos últimos 20 anos torna até as eleições municipais um espetáculo deprimente, de performances hollywoodianas, que suplantavam a possibilidade do debate de aspirações e ideias.

Esprei as eleições municipais de 2016, as primeiras após a proibição do financiamento empresarial, sonhando que elas estabelecessem um novo patamar, sob o concurso das novas tecnologias de informação, para as eleições como momento cívico solene: das andanças, das conversas, da busca do voto pelo convencimento presencial das candidaturas. E sonhei até que quem se elegeisse mostrasse os sapatos gastos nas perambulações pelo voto!

Do que tenho lido, ouvido e visto na TV, a maioria expressiva das candidatu-

ras às prefeituras e à vereança está perdida e sem saber como fazer uma campanha pé no chão, sem dinheiro a rodo! As candidaturas parecem morar numa bolha de vidro, num país das maravilhas, nada a ver com a atual conjuntura brasileira de perda de direitos, como se mudar o mundo hoje, mesmo o microcosmo municipal, e o futuro só dependesse da bondade de cada um deles. Para pedir voto, todo mundo é igualmente santo e tenta nos impingir que suas vitórias seriam privilégios de cada um de nós!

Com raras exceções, nem sequer dão

A maioria das candidaturas está perdida e sem saber como fazer uma campanha pé no chão e sem dinheiro a rodo

ideia de que sabem qual é o papel de um vereador, de um prefeito, até confundem o que é da alçada do Parlamento e do Executivo! Ao fim de cada programa eleitoral, quedo-me a indagar de qual país são as figuras que pedem o meu voto.

O cenário é de enormes dificuldades, com quase todos os governadores de Estado que nem sequer se preocupam em responder aos casos de síndrome de zika congênita; antes, com prefeitos que nem dão conta de matar mosquito – em geral por negligência; com as ameaças à universalidade do Sistema Único de Saúde (“Saúde, direito de todos, dever do Estado”); o fato de que, pela primeira vez em 13 anos, o reajuste do salário mínimo se-

rá menor do que a inflação; com anúncios de cerceamento ao acesso ao Bolsa Família, que hoje abriga 50 milhões de pessoas e é o maior programa do mundo de distribuição de renda; sem falar na síndrome de terror de mudança nas regras das aposentadorias, até naquelas em vigor; e o congelamento dos investimentos (que estão chamando de gastos!) em saúde e educação por 20 anos!

Num cenário assim, seria bastante salutar que candidaturas à vereança e às prefeituras assumissem compromissos da defesa dos direitos que correm riscos, sobretudo na saúde e na educação; de apoio às lutas pela manutenção dos direitos; e de revitalização dos conselhos locais e municipais de saúde, como trincheiras excepcionais de luta popular, tendo o controle social como polo de aglutinação, sobretudo contra a “prefeiturização” deles, como tem sido a regra geral pelo país afora!

DUKE

